

POVERINO.

A' A. E. ZALUAR.

Pour écrire l'histoire de sa vie, il faut
d'abord avoir vécu ; aussi n'est-ce pas
la mienne que j'écris.

ALFRED DE MUSSET.

I

— Conta-nos, conta-nos essa historia, Francisco !

Assim gritavão alguns moços na sala do hotel W — em redor de grande mesa : uma larga taça de prata, no centro d'ella, reverberava com as lavas azues do *ponche* : os copos se espalhavão a meio cheios de champagne e kirsch — e cada um dos circumstantes tinha nos labios uma fomalha ardente, aspirando a fumaça d'essa — herva sancta — de que tanto falla o Lopes de Mendonça. Aquelle a quem assim pedião um conto ou historia era um mancebo de vinte e cinco annos quando muito ; alto, magro e bello, porém d'esse aspecto triste e ao mesmo tempo sarcastico dos — sybaritas intelligentes — de hoje : elegantes, livres e orgulhosos no meio da sociedade.

Francisco encheu a sua taça de ponche, e, enquanto elle esfriava, engoliu um calix de kirsch, acendeu o charuto, recostou-se na cadeira á moda dos Americanos do Norte e assim principiou :

II

Do mundo que tenho viajado só recordo-me com saudades de tres cidades notaveis :

Montevidéo, Pernambuco e Veneza.

E sabeis porque ? — Porque a libidinez e a devassidão não se ostentão em parte alguma mais libertinos do que nas terras do Plata, onde, por parenthesis, somos obsequiados com o bello titulo de macacos.

— Desafôro ! bradárão uns.

— Muito bem dito ! gritárão outros.

E todos desatárão a rir.

— O que quereis ? interrompeu Francisco ; sinceramente fallando e sem querer discutir politica, o nosso papel ahi não tem sido outro.

Novos protestos, novos apoiados e novas gargalhadas soárão estrepitosas.

— Bem, deixemo-nos de politica, discursos a abarrotar, quem quizer vá amanhã ouvil-os nas camaras.

Assim, dizia eu, lembro-me de tres cidades : de Montevidéo, porque o vicio ahi não tem mascara, e ingenuamente confesso que antes isso do que a hypocrisia — a cousa mais asquerosa do mundo a meu vêr.

Quando parti para essa cidade, ia ferido da primeira desillusão da vida, ha cinco annos ; cheguei ahi com muita — plata — no bolso, com que pretendia distrahir-me das minhas dôres.

Queirão perdoar : porém, assim como passei pelos vinte annos, assim tambem soffri-as.

Peco-vos uma — saude — á morte d'ellas !

Um hurrah solemne echoou pelas salas, e foi estremecer a louça nas prateleiras.

Todos se rirão, mas quem fosse bom observador notaria que uma lagrima rolára pelas faces biliosas de Francisco e fôra cahir na taça : o moço ainda uma vez bebêra suas amarguras.

E, palavra que não me engano, proseguiu elle, quando vi aquellas mulheres assim, sem o menor vislumbre de poesia e romantismo, ri-me de minhas illusões passadas e fui semelhante áquelle que, após phantastico drama, vai á caixa do theatro e vê que as pinturas, tão bellas vistas da platéa, são borrões apenas de tinta, que tudo é pão, azeite, gaz ou papelão, e mais ainda que a actriz, que um instante nos encantára pela vista e pela belleza, limpa no camarim, já despida de sedas e de dourados, o alvaiade e o carnim de enrugada face.

Aquelles de entre vós que ainda são poetas e acreditão em Lamartine ou George Sand, deplorem sua cegueira, porque ainda não souberão o que é a verdade.

— Não falles assim, Francisco ; se a verdade é a desillusão, oh ! deixa-nos cegos, deixa-nos no erro, disse Rodolpho, mancebo de dezoito annos apenas, medroso da realidade da vida, como se fôra a morte.

Francisco soltou uma gargalhada estridente :

Pobre Rodolpho ! Como tenho pena de ti ! Quantas lagrimas desbotaráõ teu rosto no dia da desillusão !

Poveretto ! acaso não te lembras d'aquella virgem de cêra de um museu de Italia, que até meio corpo é a belleza e o encanto, mas que, se levantares o manto que até ahi a cobre, verás, na hediondez da verdade, as entranhas, as visceras d'ella ?!

Eis ahi a — vida, — a transição é rapida e em quéda.... se ao menos houvesse o mediador plastico de Hutcheson !

Mas não, é o mesmo que de repente tropeçar e mergulhar nas trevas do sepulchro. E porque ? — E porque é assim ? — *Hélas et Pourquoi ?!* — era a palavra de desespero envenenada de duvida que junto ao leito de Stello repetia o Doulor-Negro.

Hélas et Pourquoi ?! — Eis a unica sciencia da humanidade.

Todos estavam mudos e embaraçados ; alguns levárão o copo aos labios.

Francisco continuou :

Minha vida em Montevidéo e em todos os Estados do Prata foi ruidosa e ardente : ainda bem ; posto que saciado e tedioso, vim comtudo restabelecido da doença da mocidade.

Um anno depois parti para a Europa ; demorei-me, porém, nas provincias do norte : vi a Bahia, fria e aborrecida, e os seus milhares de negros a carregar fumo.

Parti d'ella sem uma unica recordação, e saudei dias depois Pernambuco.

No Brasil nada de tão bello eu havia visto; é uma maravilha! Cada canto d'aquella terra de bravos é uma recordação historica, cada nome lembra um martyr e um heróe!

E Olinda !....

Aborrecido e contrariado, tive de metter-me no paquete inglez : de ir soffrer *spleen* e enjôo, e vêr constantemente devorar *roast-beef* e beber — *pale-ale*. — Não sei como não morri.

Eu tinha pressa de vêr a Italia e a Grecia!

Lembrava-me e repetia trechos do meu Tito Livio, e recordava-me de Plutarcho e seus — *Homens illustres*. —

Queria vêr essas duas predilectas de Deus, onde nascêrão e cantárão os maiores poetas do mundo, onde tinham fallado os primeiros oradores de todos os tempos, onde a heroicidade e o martyrio tiverão as suas brilhantes hecatombas.

Queria vêr os logares onde mais ardentes tinham ido as orgias de Byron, queria pisar o Missolonghi, onde elle expirára n'um hymno os seus trinta e seis annos. (1)

Queria restabelecer os meus pulmões respirando o ar de Tazento e Navarino, que parece dizer na voz symbolica : — João d'Austria e Canaris.

Tudo eu vi, tudo admirei; fui junto ás cathedraes, perante sua gigantesca architectura, buscar a palavra de um seculo; encostei-me ás pilastras e columnas dos templos gregos, beijei o pó de suas glorias e de suas ruinas.

Mas eu morria... languido e morbido, eu me inclinava ao tumulto, sentindo nos cabellos o cicio das brisas de Ischia — a — poetica, arfando-me o peito aos sons, ás harmonias divinas de Rossini, Bellini e Mercadante.

Um dia, quando mais de perto eu via a morte, o peito cada vez mais se me estrangulando, foi então que uma dôr horrivel me fez desejar a vida. — Erão as saudades do meu Brasil. — Eu passeava á noite estrellada e linda do golpho de Veneza, sentado e pensativo na gondola; o luar batia-me de face, e eu erguia meus olhos ao firmamento, pensando vêr o meu céu brasileiro.... oh! como é triste, como doem as saudades da patria!

E quando talvez nós não a veremos mais, quando tão longe vamos morrer!... Senti essa dôr, e concordareis comigo que não ha palavra que a diga. — E eu chorei, — meu peito offegava.... e.... pensei que era meu ultimo momento de existencia! Então quiz balbuciar o nome de meu paiz e o de minha mãe.... meu suspiro ultimo quizera que fosse n'esses dois nomes, os mais caros d'este mundo ... De repente ouço na terra estrangeira aquelles melancholicos versos do poeta :

« Minha terra tem palmeiras »

(1) Está provado que Byron morreu com trinta e tres annos incompletos — referimo-nos, porém, aqui á sua ultima poesia, intitulada :—Os trinta e seis annos — dirigida a Guiccioli. Diz Philarete Chasles que o lord, por uma de suas loucuras, pretendêra ser mais velho —de cinco annos.

Extático, ergui as mãos a Deus : ouvia na mudez do delirio : quando veio aquelle verso :

« Não permitta Deus que eu morra
« Sem que volte para lá ! »

Não pude conter-me : Minha terra ! meu Brasil ! — gritei fóra de mim, e minha gondola foi encontrar-se com a do desconhecido cantante, que assim tambem se lembrava da patria....

D'ahi a duas horas achava-se elle comigo no Hotel D. — Esse moço era Raymundo.

Pobre amigo ! Salvou-me da morte, e eu não pude salvá-o !

Francisco fez uma pausa : limpou duas lagrimas que lhe corrião pelas barbas loiras, e esvaziou o copo que tinha diante de si.

Seus companheiros imitarão-o ; porém, por mais que escondessem, cada um surpreendeu na face do outro uma lagrima importuna.

Raymundo, vós todos conhecestes : pobre amigo ! Inda de certo nenhum de nós se esqueceu d'aquelle moreno ardente, de uma fronte larga e expansiva, onde queimava uma intelligencia soberba, que havia conquistado tanta sciencia em tão poucos annos ... tanto trabalho que nenhum fructo deu e que se evaporou no tumulto, assim, assim como se nada fosse !

E o mancebo não ha de descrever, não se ha de lamentar ? Não ha de amaldiçoar a si e ao mundo ? !

Deixai que zombem de nossas dôres e febres esses homens ephemericos e vãos, desgraçados, que nunca conhecêrão o que é soffrer.

Deixai-os, que elles têm razão. Malditos ! nunca souberão como é que palpita e convulsa no cerebro a intelligencia — como é que ás vezes a ideia de Deus e do Infinito nos arranca gritos de desespero — como imploramos da morte — na febre dos delirios — o enigma do mundo, o verbo da Divindade !....

Raymundo era um bello mancebo ; tinha vinte e dois annos quando o conheci na Italia : trajava luto por sua irmã, morta longe d'elle.

Por uma d'essas sympathias irresistiveis, aliás justificadas pela singularidade de nosso encontro, n'essa mesma noite Raymundo e eu eramos amigos velhos.

Fallou-me de seus planos gigantescos de futuro ; imaginação de poeta, delirava de enthusiasmo quando discutia e fallava de sciencia e lettras.

Mas ah ! toda aquella alegria era ficticia : eu era então o doente, e elle tentava distrahir-me.

No meio de nossa conversação, chegou-se um pagem e entregou-lhe um bilhete. Raymundo estremeceu ao tomal-o, e lendo-o, uma grande alegria se lhe estampou no rosto.

— Irei já, disse elle ao pagem.

Quiz continuar a conversar ; interrompi-o, porém.

— Então não ides ?

— D'aqui a instante, se o consentirdes, respondeu elle.

Levantei-me, e dei-lhe — boa noite. —

Não vos agastais comigo, não é? Quereis saber? Tenho medo de parecer creança, mas queria vos dizer o que significa esta aventura. Aqui a quem o hei de dizer senão a vós? Fóra de nossos lares somos mais do que compatriotas, somos irmãos.

Eu estava captivo de tanta bondade, e por unica resposta apertei-lhe a mão.. escaldava... tinha mais febre do que eu.

Era poeta e estava apaixonado! Compreendeis peor desgraça?!

—

Não me recordo agora do poeta ou moralista que chamou o mundo de — *Hospital de doudos*, — continuou Francisco.

E' pena, pois queria-lhe fazer um — *toast* — que na verdade merece; tem mais jus á gratidão dos povos do que aquelle que achou o principio da gravidade dos corpos, — mais do que aquelle que se ufanar com a *verdade da quadratura do circulo*.

Hospital de doudos! E' bem achado, concordareis comigo. Tenho medo que enxergueis no meu fallar — affectação. — De maneira alguma.

Houve um tempo — foi quando a minha intelligencia despertou-se, e minha imaginação dourava-se de poesia: os livros que então cahirão-mo ás mãos forão-me de um grande mal; eu soffria por vêr soffrer os outros — soffria muito, porque muito quente era minha imaginação..... esse tempo, bem lindo e poelico... passou; vierão-me depois as dôres reaes, as dôres do peito: d'esta segunda época da vida ou se morre ou não, — e quando se escapa, ou nos tornamos os homens do —positivo, — ou então enlouquecemos, como eu e alguns de nós, e o riso e o desprezo pela vida não nos é — affectação.

Omundo é um — hospital de doudos — bem triste, cumpre dizer.

Nunca entrastes, por exemplo, no hospicio da Praia Vermelha? Não vos lembrais de ahi terdes visto alguns coitados que julgavão-se reis? — São os chefes dos partidos — de cá fóra.

Não vos recordais de um outro, que se diz o rei D. Sebastião — o vencido de Alcacer-Quibir? — e outros que esperão elle? — São os homens da politica retrograda.

Não vistes os furiosos, sombrios ás vezes, já se alirando em desespero ás grades das prisões? — São os conquistadores do mundo; tudo que lá ha, cá fóra existe tambem; com uma differença, porém: é que lá não se vê infamias, nem crimes, e que entre nós...

Sabeis porque toda esta enfadonha tirada? — Para assistirdes a todo um drama *louco*, com suas scenas tristes e bem dolorosas, ao lado do grotesco, do infame e do cynico.

IV

Eleonora era uma Italiana bella e ardente, como todas as filhas de sua terra.

Nascida, educada e vivendo no luxo, — o gosto, a sumptuosidade requintárão-se n'ella.

Casára-se na idade de 15 annos com um principe russo, e pordesenfado tivera por — *cavalliero serviente* — a um d'esses mascates industriosos — compatriotas seus — homens bellos, artisticos aliás — no typo do *Teverino* da George Sand: o que de certo lhe desculpava o peccado.

O principe morrêra, ou desapparecêra n'alguma commissão forçada á Siberia; o mascate emigrára, e talvez seja aquelle que nos vendeu hoje a linda estatueta de gesso.

O que é certo é que a bella princeza sentiu os dois acontecimentos, — pelo que cobriu-se por alguns mezes de luto, o tempo preciso para que sua belleza se realçasse por aquella galante variedade.

—

Assim pois, estava livre, bella, ardente... appareceu Raymundo, typo brasileiro, moço, poeta e artista: era, pois, natural que se amassem, isto é, elle amou-a.

Começou então uma vida de loucuras para ambos: rico e com a maldição do romantismo, o que não farião elles?

Era uma vertigem a sua vida: causava dó vê-los assim correr á morte, por um caminho de flôres, entontecidos de sons, perfumes e harmonias.

A's vezes encontravão-os a cavallo, no ardor da corrida, passando como relampagos, espantando e atemorizando os que os vião, e era em verdade bello admirar aquella mulher vestida de amazona, com as roupas negras e de velludo — alliva e arrogante, — os cabellos negros e fluctuantes áquella brisa em que arfa o Adriatico: tinha uma fronte admiravel, pallida como a das Madonas de marmore das cathedraes do paiz; — e que sorriso nos labios, — que *ademanes* nos gestos?!

Oh! uma mulher bella!

Quem nunca a sonhou nas longas noites de insomnia, arquejante de desejos, enlouquecido de poesia?!

— Outras vezes era no Adriatico, no golpho de Veneza, na Piazzeta, á noite, quando o manto do firmamento se empoeirava de estrellas, e que a lua ia magestosa e reverberava nas aguas um fitão de prata, via-se uma gondola que passava vagarosamente: na pôpa era um mancebo de joelhos, e beijando as mãos de uma mulher languidamente recostada — os olhos humidos e mortos — n'essa doce *morbidez* que só os filhos d'essa terra divina têm e sabem ter.

E de repente erão notas de accordes phantasticos como Weber, os deslisou, erão os gemidos tristes e languentes que só os suspirou Bellini!

Oh! a vida assim endoudece, mata; não é?

Mas ah! é que ella nem sempre dura, e que nem sempre dura o dinheiro (cousa bem prosaica, confesse-se); é que a mulher tem o seu lado de Deus e o seu lado de Satan.

E' triste isso! — mas o que quereis? O mundo hoje gyra sobre dois eixos muito importantes: o dinheiro e a mulher; sobre o primeiro

nada direi, — temo azinhavrar-me ; — sobre o segundo o que direi que talvez á vossa custa não tenhais aprendido ?

Nenhum de vós se esquece daquelle celebre prefeito de Pariz que, sobre todo e qualquer caso que se vinha a justicar, logo perguntava : — Onde está a mulher ? — isto é, onde está o mal ?

Dito isto, está dito tudo. — Ides vêr.

— Francisco virou uma nova garrafa de cognac na taça de prata, preparou novo — ponche — accendeu o charuto, e continuou :

A princeza e Raymundo davão um baile ; a casa estava esplendidamente ornada ; tudo que o luxo, a elegancia e o gosto podem inventar ahi se achava : em redor aos dois loucos amantes volvia-se tudo que Veneza tinha de — elegantes — de moços da moda — de actrizes celebres — poetas e litteratos, e de homens do dinheiro e do positivismo.

Entre todos esses convidados sobresahia um gordo banqueiro — idoso — de postica cabelleira, mais feio de figura e cara do que talvez o Jacques Ferrand dos Mystérios de Pariz : mas em compensação rico como um nababo. O banqueiro era adamado e tinha fama de conquistador ; sua maxima favorita era a seguinte : — a moça que resiste ao dardejar de uns olhos nús, abaixa-os quando é vista por uma *luneta* de ouro sem *vidro*.

Era o que nas horas do seu cynismo repetia á mesa, limpando a bocca gordurosa em brancos guardanapos.

E teria elle razão ? — Não serei eu quem responda.

Já o baile ia em meio : a princeza estava resplandecendo de beleza ; Raymundo estava doudo de amores por ella.

Namoravão-se como se fosse a primeira vez que se vissem ; inda me lembro ; havia sorrisos da princeza para Raymundo que valião mundos, erão de matar.

De repente dera elle pela ausencia da princeza nos salões : procurava-a por todos os lados : ao passar por uma porta ouve vozes, e sem o querer pára e vê :

O banqueiro estava sentado n'um divan junto á princeza, e conversava com ella.

— Assim, falta-lhe dinheiro, soberba rainha ? dizia elle.

— E' verdade, meu caro ricaço.

— E o tal... poetinha ?!

— Ora ! se elle não o tem !

— Mas é horrivel o que então está a passar ! — Não ter do que precisa ! — Não ter sedas e velludos, e brilhantes, quando esta *mãozinha* merecia ser coberta d'elles !

E o banqueiro tomava a mão da princeza e conchegava-a aos labios. Raymundo não respirava.

Calárão-se um instante.

A princeza suspirou, e pendeu a cabeça no hombro do banqueiro.

— Não o ama mais ? perguntou-lhe.

— Eu ?... não.

— Oh ! E o banqueiro deu-lhe um beijo.
Raymundo tinha cahido sem sentidos.

Uma febre com symptomas de cerebral se declarava intensa e violentissima em Raymundo; durante cinco dias o medico não respondeu por elle : no fim do quarto veio a princeza saber d'elle e despedir-se.

Chegou-se ao leito da victima, deu-lhe um beijo na testa — encarou-o um momento, brincou com os anneis negros dos seus cabellos : — *Poverino!* — disse sorrindo-se, e partiu.

O que achais a dizer a isso?

No sexto dia Raymundo estava salvo da morte e da loucura, como dizia o medico.

— Calado e triste, só se lhe via correr pelas faces pallidas e enfebreçadas uma longa lagrima ; — sacudia a cabeça, escondia-a no travesseiro e rompia em prantos.

— Em uma manhã linda e bella de verão, levantou-se e pediu para passear : quando voltou — teve desejos de ficar só. Tres horas levou fechado no salão ; havia chorado todo esse tempo e escripto loucas paginas, que depois rasgou n'um impeto de raiva e desespero.

Tempos depois Raymundo deixou a Italia e passou á França ; quando me despedi d'elle — já estava bastante restabelecido ; — mas, no momento em que eu o abraçava, não sei o que me disse que era esta a ultima vez que o via, e chorei.

.... Recebi algumas cartas do pobre amigo : cada vez ia mais profunda a dôr d'aquella alma ; desesperado, o misero procurou nos vinhos a morte, o esquecimento ao menos dos seus martyrios.

Era triste vê-lo, tão bello e poetico, cambaleando e blasphemando nas orgias de Pariz. Não havia extravagancia que elle não idealizasse e levasse a effeito.

A's vezes, sem se poder ter em pé, cahia frouxo e moribundo nos braços de mulheres perdidas : era então que se via, nas phrases desordenadas e faiscantes de genio, — que alma era a d'elle — que cerebro se perdia ali !

Em muitas noites de febre escapou de assassinar as mulheres que se lhe vendião, julgando ser a princeza.

A ultima carta que recebi foi esta : ainda a tenho na memoria ; não nos esquecemos nunca do ultimo adeus do moribundo.

Eil-a : « Basta de viver, basta de supplicios : hei já soffrido de mais... vou-me suicidar. Não te arripies, meu amigo, nem queiras te lembrar d'aquelles grandes e pomposos argumentos philosophicos

que aprendêmos na escola : de certo não te esqueces do celebre moralista que depois de haver fallado longa e espirituosamente contra o duello — no momento de retirar-se — esbarra-se na rua com um desconhecido — altercão e batem-se: assim, os philosophos, que clamão contra o suicidio, chamão-nos de covardes — quando não podemos mais soffrer. — Felizes homens, que assim podem impunemente insultar a dôr.

« Procura minha mãe quando voltares ao Brasil — pobre coitada ! — não sabe que seu filho está a morrer á esta hora... procura-a, falla-lhe de mim, e dá-lhe parte d'aquelle abraço com que me despedi de ti.

« Se encontrares a princeza, dize-lhe que foi ella quem me matou, e faze-lhe entrega d'estes cabellos, que lhe pertencem ; que pergunte a elles o quanto ha de dôres e loucuras no ultimo beijo que se lhes imprime.

« Vou morrer.... vou-me abrigar no seio de Deus, junto de minha pobre e innocente irmã. — Misera de ti — oh ! doce virgem ! — que nunca sonhaste que teu irmão daria no libertino embriagado, que se apontava ao dedo, nas orgias delirantes !

« Levo só uma pena... (podes comprehender — quanto ha de dôr n'este só ? —) é não ter junto a mim um amigo ao menos.... não ter quem receba o meu ultimo adeus !.... se eu soubesse que depois virião visitar-me e derramar uma lagrima, uma só, sobre meu tumulo !....

« Oh ! vem, vem quando eu fôr morto !....

« E' meia-noite : junto ás minhas janellas alguem canta tristemente : é uma bella musica, é a ultima aria da Traviata : a derradeira nota d'aquelle canto ha de echoar com o tiro d'esta arma.... minha alma voará a Deus n'um d'aquelles accordes.

« Adeus, pois — é forçoso fechar esta carta : oh ! meu amigo — tenta vêr nas lagrimas que desbotão-lhe as lettras as saudades e as dôres minhas ; procura aqui o beijo de despedida que te envío.... adeus ! »

Francisco acabou de fallar e debruçou-se na mesa.

Houve um instante de silencio.

Tres a quatro mezes depois.... tornou elle.... eu e a pobre mãe de Raymundo oravamos sobre o seu tumulo, e o regavamos com mais de uma lagrima : estava cumprida sua ultima vontade.

— E a princeza e o banqueiro ?... clamarão todos.

— A princeza dá baile e recebe a nobreza de França.

Quando lhe fiz entrega do que Raymundo me ordenára, empallideceu, e uma lagrima tornou-a inda mais bella. — *Poverino* ! — murmurou ella. Mandou dizer missas no altar da *Madona* por alma do amante.... e achou-se quite e de contas feitas.

— E o banqueiro? gritarão ainda.

— O banqueiro?! disse Francisco entre uma gargalhada estridente de motejo e uma baforada de charuto — o banqueiro.... morreu de apoplexia.

— Nem podia ser de outra maneira, disse um dos rapazes.

E continuarão a palestra.

S. Paulo — Outubro — 1861.

J. F. DE MENEZES.

PERFIS BIOGRAPHICOS.

GALILEO GALILEI.

(Continuado do numero anterior.)

Com essa ingenuidade e candura, que é o apanagio do genio, não podia Galileo suspeitar que fosse posta em duvida a sua orthodoxia: queria a gloria da igreja, e esforçava-se por congraçar-a com as grandes descobertas da sciencia, conciliando a razão com a fé. Confiava outrosim nas provas de benevolencia que recebêra da Sancta Sé, e nas fervorosas cartas de recommendação que de Florença trouxera para o cardeal Orsini, que de grande valimento gozava. Empregando o artificio de que já uma vez tão bem se sahira, dedicou ao Papa o seu *Tractado de fluxo e refluxo*, no qual, arrastado pela sua ideia dominante, attribuia este phenomeno ao movimento da terra.

Nenhum d'estes meios lhe poderão subtrahir da alçada da Inquisição, que, julgando-se suprema arbitra do saber humano, instituiu severo exame das doutrinas do sabio toscano.

Como era de esperar, desfavoravel foi o resultado d'este exame; não tardando que o tribunal da fé condemnasse a theoria da rotação da terra e da immobildade do sol, *como heretica, absurda e falsa em philosophia*, intimando-se a Galileo, por intermedio do cardeal Belarmino, que a abjurasse, sendo-lhe defeso o ensinal-a ou propalal-a, por qualquer meio, em qualquer tempo.

Era Galileo bastante religioso para deixar de inclinar-se perante a auctoridade ecclesiastica; assim, pois, apressou-se em apresentar a sua submissão: guardando, porém, no fundo d'alma secreta esperanza de vêr no futuro modificada, senão de todo revogada, tão iniqua sentença.

Engolphado nas meditações scientificas, deixou-se ficar em Roma, até que da sua falsa segurança foi despertado por uma carta do secretario de estado Pichena, que em nome do grão-duque convidava-o para regressar a Florença, advertindo-lhe de *quão poderosos são os frades*. Compreendeu o sabio a allusão, e tomou o caminho da patria.

Serenada parecia a borrasca, e, amestrado no grande livro da ex-